TRAMAS

COMUNIDADES

4ª EDIÇÃO





Índice

TEARZINE - 4ª EDIÇÃO 2

VILA PALMARES 10

INDÍGENAS EM CONTEXTO URBANO 18

GUYRAPA JU 26

OCUPAÇÃO LÉLIA GONZALEZ 34

PROCESSO CRIATIVO E VISITAS ÀS COMUNIDADES 43

CRÉDITOS 47



OLÁ, SOMOS O COLETIVO TEAR

Nosso coletivo nasceu do encontro entre arte educadores e artistas atuantes no ABC paulista.

O Tearzine é um fanzine do nosso coletivo; mas é também um dispositivo de encontro, de coletivização, de relação estética e produção coletiva a partir das questões contemporâneas com o território.

Desde a primeira edição, em 2019, a criação acontece a partir do repertório dos artistas envolvidos através de um processo coletivo, com troca de saberes, encontros, produções e ações que ativam o lugar vivido. A 1ª edição do Tearzine foi criado a partir de uma oficina com a fanzineira Thina Curtis no espaço do Cecape (Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação de São Caetano do Sul) para os arte educadores da rede municipal. Durante esta oficina foi criado o logo do Tearzine. A 2ª edição, em 2021, em meio à pandemia, contou com a parceria do Sesc, unidade São Caetano, em uma trajetória chamada "Laboratório de criação para educadores artistas"; tendo ao final da experiência a produção de um fanzine multimídia em formato impresso e um digital que nomeamos, "Eu no Zine, um Zine em mim".

O ebook foi lançado junto em 2022 e teve como mediadora a artista Edith Derdyk. A 3ª edição, novamente em parceria com o Sesc, unidade São Caetano, elencou o "Território São Caetano" como uma temática para inspirar as ações e criações. Foram feitas imersões na cidade e encontros com os mestres Karaí Mirin, da aldeia Guarani Guyrapa Ju, Tania do Nascimento, integrante do movimento negro na cidade e Diolino de Brito, mestre de capoeira e de cultura popular. Tivemos um ciclo de encontros e oficinas e contamos com a curadoria/provocação da Professora Doutora Carminda Mendes André (Unesp).

A produção da 3ª edição gerou um fanzine em um formato não convencional, que vem numa caixa, com páginas soltas, onde de um lado, vemos as imagens criadas pelos artistas participantes com suas reflexões e vivências sobre o lugar vivido e, no verso, a junção das cartas formam o tabuleiro de um jogo criado também pelo grupo, e que proporciona reflexões e vivências ao redor do território de São Caetano com temáticas vinculadas aos povos originários, à negritude e à população migrante.


FLORESTA

Tearzine

4ª EDIÇÃO

O desejo de aprofundar e expandir o território, nos levou a ampliar nossas andanças nas outras cidades do ABC paulista e conhecer como diferentes grupos atuam em comunidade, seja vinculados a uma herança cultural, histórica, ou por interesses e lutas em comum. É importante dizer, que quando falamos da palavra comunidade, estamos apontando para sua relação social.

Ao nos debruçarmos na temática comunidade, tínhamos o desejo de aproximarmo-nos também daquilo que nos uniu enquanto coletivo: o exercício comunitário como cuidado de si.

Somos um coletivo de arte educadores que se formou atrelado ao espaço escolar da rede pública de São Caetano do Sul. Aos poucos começamos a nos entender de forma coletiva e partimos, para além dos vínculos institucionais, para uma experiência mais horizontal a fim de alargar nossos caminhos como um grupo de artistas docentes. Esse movimento nos fortaleceu tanto que, mesmo após as mudanças de política educacional que destituíram as formações artísticas na rede em 2023, sentimos a necessidade de continuarmos juntos e criar ações de forma autônoma.

A imersão em um coletivo como o Tear nos deu a chance de saborear o gosto da palavra pertencimento. Um grupo que atua no território, levantando as potências desse lugar, ativando as resistências diante dos dissabores trouxe uma chave: a caminhada não precisa ser solitária.

Mesmo diante de uma realidade pouco fértil, os vínculos coletivos geraram rotas de fuga, apoios mútuos, parcerias, acolhimentos e escapes. Como nos ensina Bell Hooks (2017) sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une".(p.58)[1]

1- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.\\ do seu parágrafo

Nesta edição a busca pelo tema Comunidades significou transbordar algo que integra nosso fazer para reconhecer outras comunidades e territórios no ABC que se agrupam, coletivizam, e tecem suas resistências em seus cotidianos.



No primeiro encontro para a criação dessa edição propusemos um jogo de narrativas onde cada participante trouxe suas histórias a partir da lente da coletividade. A nossa ideia era mobilizar em cada pessoa, um olhar para seus coletivos pessoais e o quanto esses vínculos comunitários são estruturantes para o bem viver.



Da narrativa pessoal seguimos para o mergulho em 5 comunidades no intuito de criar novas pontes possíveis para aprender, escutar, e compreender o quanto a coletivização pode ser uma ferramenta poderosa para atuar no mundo diante dos problemas contemporâneos.

As comunidades visitadas foram a Ocupação Lélia Gonzalez, a Comunidade de Vila Palmares em Santo André, o Grupo Articulação dos Povos Indígenas do ABC com sede em Ribeirão Pires, o Coletivo Nhande Vae'eté em Mauá, e a Comunidade Guarani de Guyrapa Ju em São Bernardo do Campo.



Encontro de abertura do projeto

Conhecemos os grupos, ouvimos suas histórias, dialogamos, compreendemos melhor seus contextos, fizemos nossos registros e, entre uma visita e outra, tivemos diversos encontros no Sesc, unidade São Caetano – novamente parceiro nessa edição – para criar coletivamente a partir das experiências vividas.

Em todos esses lugares pudemos perceber a vida surgindo pelas frestas da ação comunitária numa realidade que muitas vezes se apresenta de forma dura e difícil. Pudemos perceber a sabedoria da comunidade no samba da Vila Palmares, nos alimentamos de resistência comunitária na cozinha coletiva da ocupação Lélia Gonzalez, nos fortalecemos na terra Guarani da Aldeia Guyrapaju e reconhecemos a ancestralidade do território junto aos movimentos dos indígenas em contexto urbano.

Esperamos que esse fanzine signifique não só o registro de toda essa experiência e elaboração, mas também um documento e uma produção artística que pretende, de certa forma, retribuir o que recebemos em cada encontro e território.

Nas páginas seguintes convidamos você a conhecer um pouco dessas comunidades e de nossa vivência por meio dos registros e criações artísticas.




CENTRAL
A LUTA É PRA VALER





Vídeo da visita



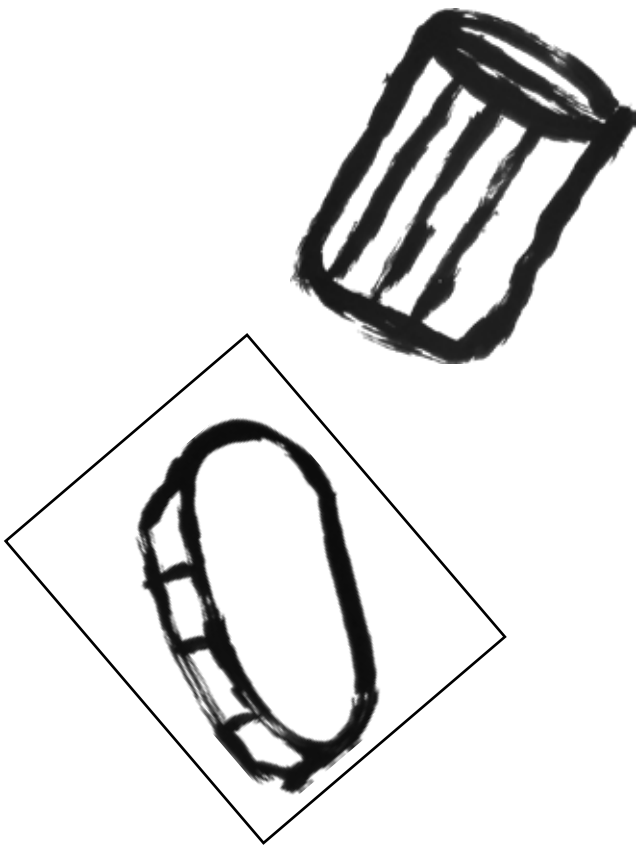
Vila





"Esse bairro não tem nada, vamos criar uma escola de samba pro povo. Vai chamar Acadêmicos de Vila Palmares, e suas cores serão verde e rosa em homenagem a Mangueira", relembra Batuta, das falas do pai.

Aliás, a história da família de Marinheiro e dona Toninha se mistura com a do bairro. Seu barraco foi o primeiro da rua, e seu quintal abrigava as duas únicas atividades da vila daquela época: o ensaio da escola de samba e o terreiro de umbanda da região. Esse quintal foi também um palco para importantes artistas do samba, como Cadu, do Raça Negra, Nelson do Triunfo, o grupo Divinos do Samba, e emplacou sucessos como "Desejo de amar", primeiramente gravado por Eliana de Lima, e depois pela dupla João Paulo & Daniel, entre outros.









Visita à Vila Palmares

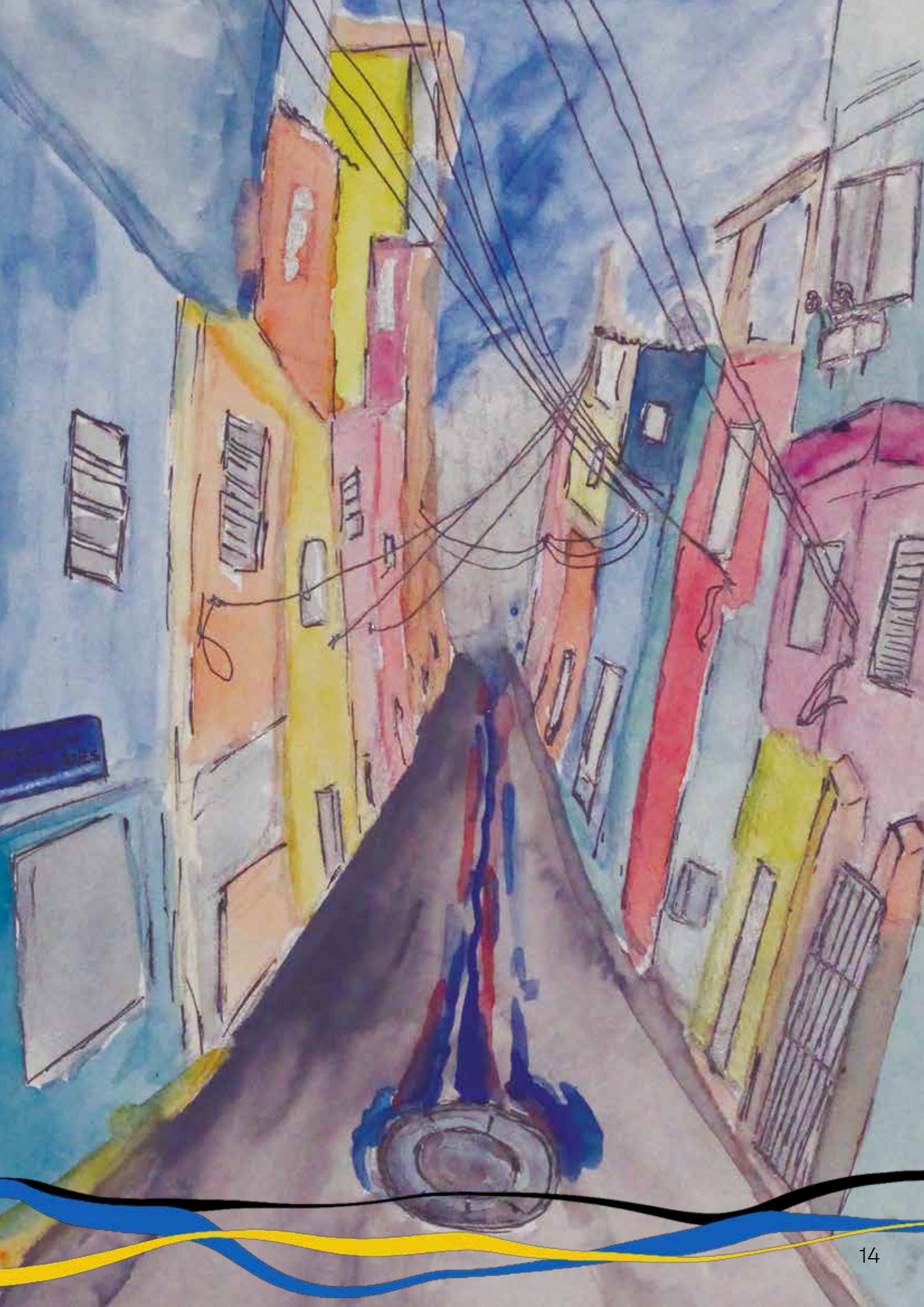


Dona Toninha conta que os ensaios eram animados e reunia gente de toda parte. Relembra também de um dia em que a chuva caiu forte e que, para poder continuar tocando, todos entraram em seu barraco. A batucada foi tão grande que sua mesa caiu. Essa mesma mesa era o lugar onde muitos dormiam embaixo quando os encontros avançavam à noite.

"Se não fosse a sensibilidade e o espírito acolhedor de dona Toninha, a história toda não teria acontecido" - diz Batuta



Dona Toninha, Marina, Batuta e Silva da Silva na Vila Palmares, em Santo André



Palmares

SAMBA É ALMA, NÃO É ILUSÃO, VIBRA NO CORAÇÃO

“Pra eu falar da escola de samba Palmares, tenho antes que falar do bairro”, foram as primeiras palavras de Robson Batuta - atual articulador da escola de samba da Vila Palmares, a Acadêmicos de Vila Palmares - enquanto nos recebia junto de sua mãe, a madrinha da escola, dona Toninha, sua esposa e porta bandeira, Marina Goltl e seu tio co-fundador, Silva da Silva.

As terras pertencentes a um filho de migrantes italianos veio a se chamar Palmares por conta de sua esposa, que era negra, e que homenageou o herói da resistência contra a escravidão no período colonial, Zumbi dos Palmares. E como nos contou Robson Batuta, talvez o tenha feito para “irritar” a família do marido.

Já a história da escola de samba tem seus primeiros passos em 1977 quando, depois de um longo jejum, o time do Corinthians venceu o campeonato paulista e os moradores saíram em cortejo batucando sentido São Caetano, e juntando adeptos por onde passavam. Batuta conta que aquela alegria e festejo despertou o desejo de seu pai, Luiz Gonzaga Alves, conhecido como Marinheiro, de fundar a escola de samba de Palmares.









Luiz Gonzaga deixou a diretoria da escola em 1980 e com isso a mesma ficou parada durante 8 anos, pois ninguém conseguiu organizar ações durante o período. Em 1988, Marinheiro decidiu voltar, e mudou as cores da escola para azul e branco em homenagem aos seus orixás de cabeça, Ogum e Iemanjá, além de coroar Zumbi como o verdadeiro rei no pavilhão, simbolizando a luta do povo preto.









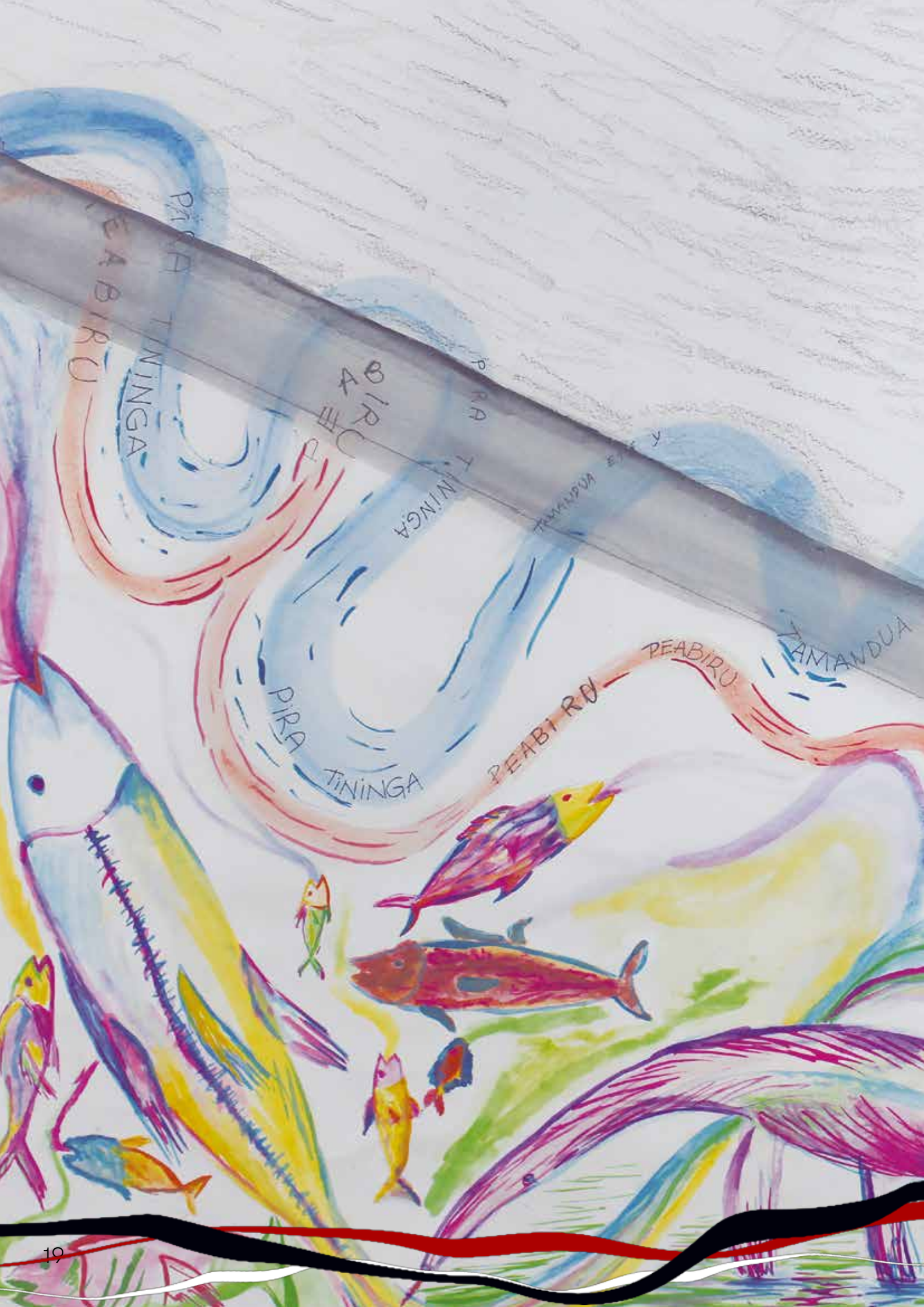


Desde 2016 os desfiles oficiais foram cancelados pela prefeitura da cidade de Santo André, o que de certa forma desarticulou um importante movimento da comunidade, entretanto o projeto da escola de samba continua através dos Lupitas de Palmares, bateria mirim articulada pelo mestre Batuta como forma de resistência e luta para que o carnaval retorne.

Vídeo da visita

Ind
contex




PEABIRU
TININGA
PIRA
TININGA
PEABIRU
ZAMANDUA

Na região do ABC Paulista a população indígena está em torno de 3031 pessoas autodeclaradas, sendo 2761 em contexto urbano, descendentes de povos diversos e 165 habitando as aldeias Guarani em São Bernardo.[1]

Os indígenas em contexto urbano no ABC têm se organizado em alguns grupos para criarem formas de apoio mútuo e resistência, diante de um espaço onde encontram ainda muitos preconceitos e barreiras para exercerem seus direitos, como o acesso à saúde pública, por exemplo, entre outros.

1- https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/





Entrevista com a Cacica Jaqueline Haywã em Ribeirão Pires

Com as atividades do Tearzine encontramos, em dias e locais diferentes, com as representantes de dois grupos ou coletividade de indígenas em contexto urbano, Jaqueline Cardoso Carvalho do grupo Articulação dos Povos Indígenas do ABC e as representantes do grupo Nhande Vae'eté Silvia Muiramomi e Maura Anjos.

Fomos à Ribeirão Pires visitar a casa da Cacica Jaqueline, integrante da etnia Pataxó Hã-Hã-Hãe. Jaqueline é professora da rede estadual e atualmente é coordenadora escolar. Ela contou que em sua trajetória foi aos poucos entendendo sua ancestralidade indígena, que foi ocultado pela família com medo de sofrer preconceito. Jaqueline tem feito uma importante atuação com os indígenas em contexto urbano em Ribeirão Pires, principalmente no que diz respeito às conquistas dos direitos de seu povo, cuidando dessa coletividade, o que a levou a ser reconhecida como Cacica pela sua comunidade na Bahia.

"Estar em coletividade em contexto urbano tem sido muito importante para nós, ajuda muito, faz parte da nossa resistência"

Visitamos também a nascente do Rio Tamanduateí em Mauá, no Parque da Gruta de Santa Luzia, na presença de Silvia, descendente do povo Guaianá e Maura do povo Fulni Ô, integrantes do grupo Nhande Vae'eté. Elas nos contaram algumas histórias e marcos da ocupação originária na região, como o caminho de Peabiru, que é uma trilha ancestral que liga Cusco no Peru até o litoral brasileiro, passando pela região do Abc, margeando o rio Tamanduateí.

Maura nos contou como o movimento deste grupo colaborou com seu auto reconhecimento e o processo de busca e fortalecimento de sua ancestralidade.

O movimento índigena e seus integrantes precisam ser respeitados e reconhecidos em qualquer território vivido. É de direito seu acesso à saúde, à moradia e às diversas formas de manutenção de suas culturas e ritos, individual ou coletivamente.

Quem sabe o aumento da quantidade de indígenas em contexto urbano, tanto em número quanto em autoidentificação, possa significar também um aumento da visibilidade de seus saberes, de suas lutas e que suas culturas possam nos inspirar e fortalecer a desconstrução dos elementos da urbanização que significam ainda uma herança colonialista.



Diálogo com Maura Anjos e Silvia Muiramomi em Mauá

ígenas em
to urbano

Se os povos são originários em nosso país, existe lugar “certo” para habitarem ou circularem?

O fato de estar em contexto urbano altera a condição de ser indígena? Quais condições climáticas, ambientais e territoriais oferecemos como sociedade para que a população indígena sobreviva a seu modo nos dias atuais? Há sustentabilidade no modelo urbano de vida?

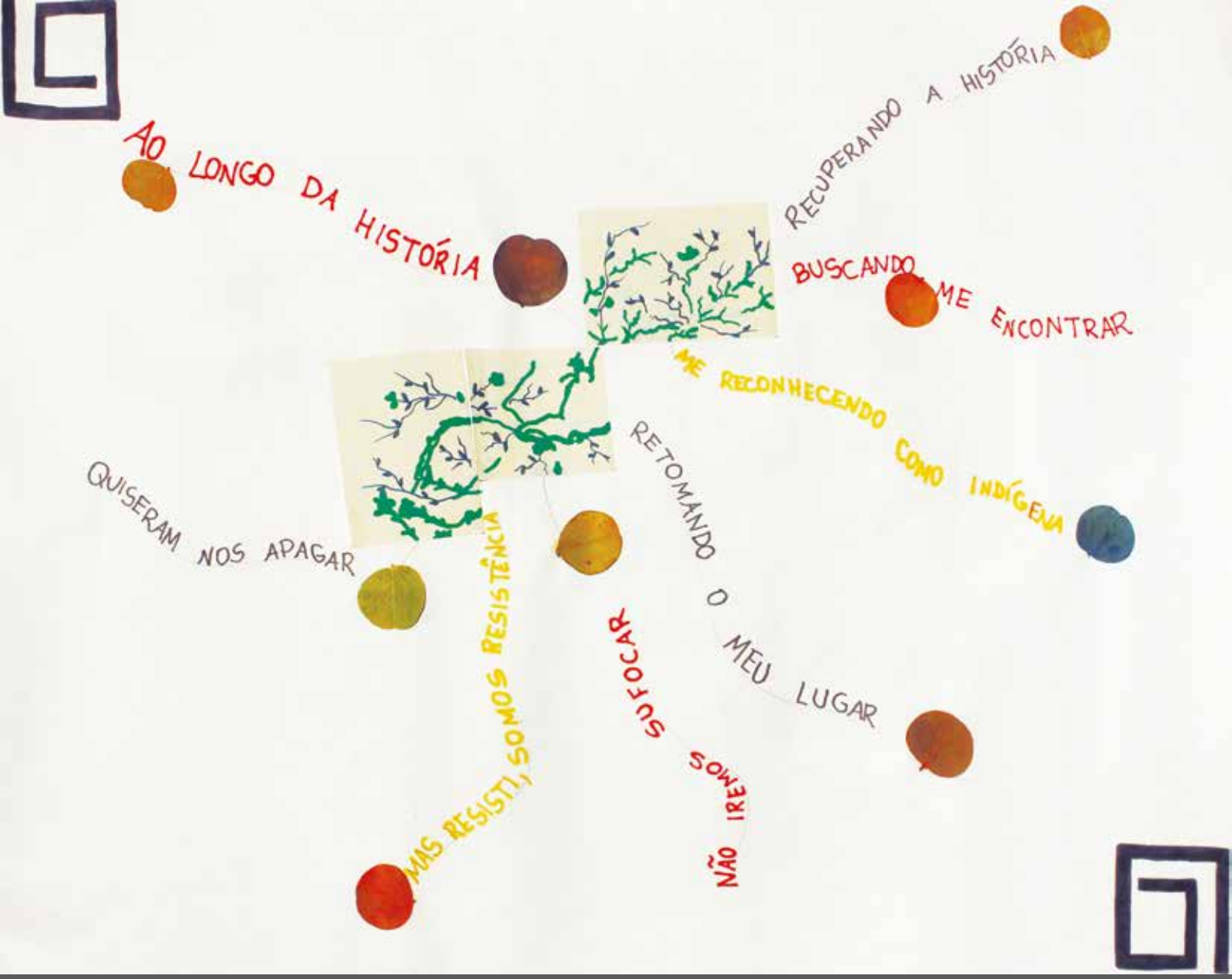
Repensar esses caminhos junto aos povos originários que habitam o contexto urbano pode significar um horizonte muito potente no que diz respeito a ressignificar esses espaços e sua relação macro nos diversos territórios, tendo em vista um modelo ocidental de cidade que nos foi importado. Suas presenças, seus corpos, suas sabedorias podem dar novos contornos para esses contextos vividos.

Na foto: Participantes do Projeto Tearzine 2024 no Parque Ecológico da Gruta de Santa Luzia em Mauá







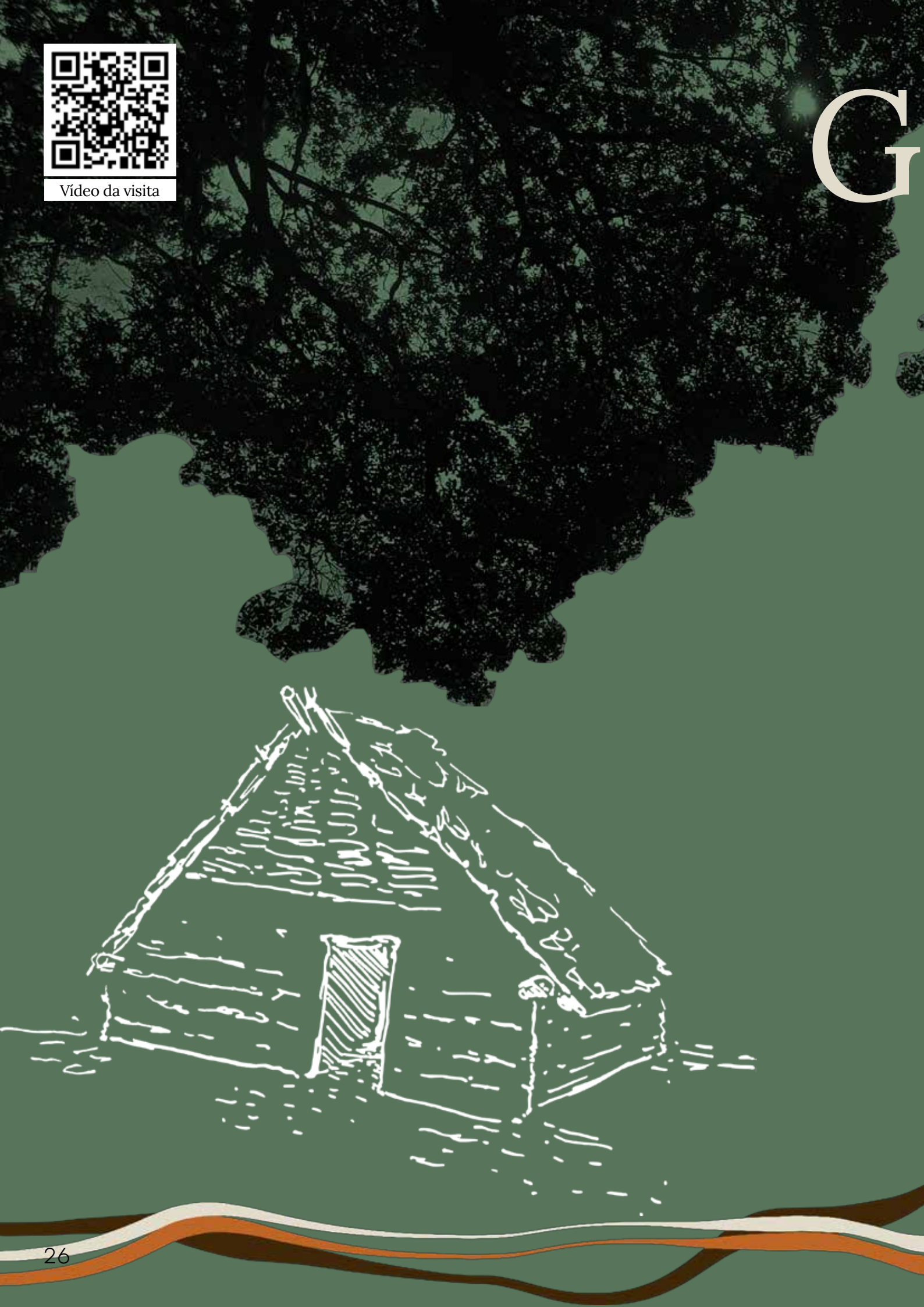




Na foto: Participantes do Projeto Tearzine 2024

Vídeo da visita

G









Caminhada pela Aldeia

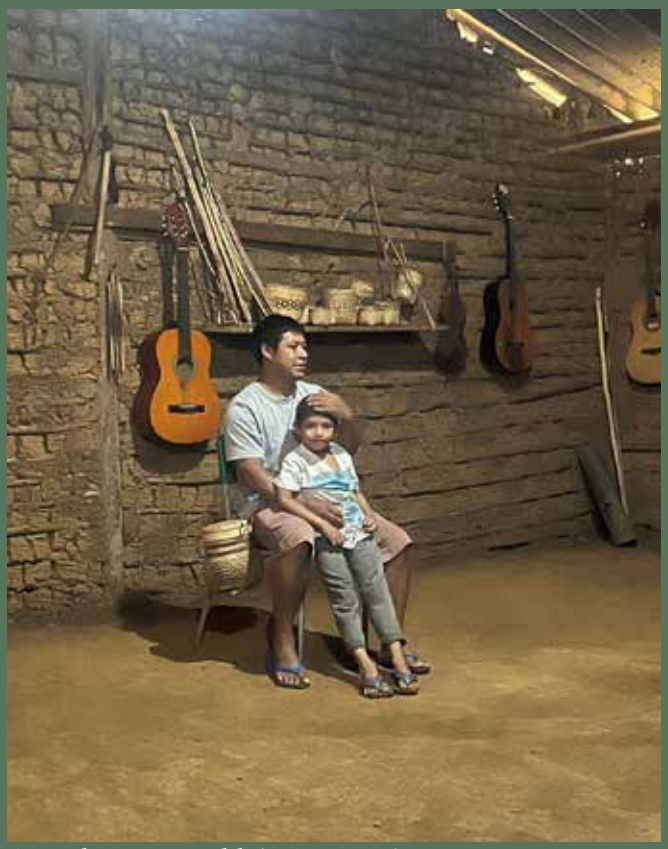


Aldeia Guyrapa Ju

A comunidade vem buscando alternativas de manejo ecológico de resíduos e gestão ambiental da área, seja da iniciativa pública, ou privada.

Karaí foi nos mostrando e tocando alguns instrumentos musicais, como a Rabeca, Takua-pu (um bambu de diversas espessuras que se bate no chão para produzir o som), o Maracá, Ãgua-pu (tambor), o Mbaraka-mirim (chocalho), entre outros, enquanto comentava sobre a importância da música em seus rituais. Contou-nos também ao manejar o violão, que os Jesuítas diziam que os indígenas não possuíam alma por não saberem tocar o instrumento, e por isso o mesmo foi ensinado e o conhecimento inserido pelo colonizador foi então passado de geração a geração e por eles reinventado.

O ambiente, iluminado por poucas lâmpadas e pouca luz natural que atravessava pelos vãos da taipa[1], convidava-nos à introspecção.



Casa de reza na aldeia Guyrapaju

O povo guarani, são originários da região, e circulam por trilhas nas matas e entre aldeias, aliás, os Mbyas, que são um subgrupo do povo guarani, circulam entre regiões da América do Sul, e transitam entre o Uruguai, Paraguai, Argentina e Brasil, fato que pudemos presenciar em nossa visita. Durante uma trilha que fizemos na mata para conhecer mais do território, encontramos uma moradia sendo construída, que aparentemente se diferenciava das demais.

"(...) para o indígena não existe um território fixo, todos os guarani são um só povo."
- A construção estava sendo feita por indígenas guarani vindos da Argentina.

1- A taipa é uma antiga técnica construtiva consistindo em paredes erguidas a partir de terra úmida socada em moldes (a taipa de pilão) ou de tapamento. Constitui-se de finos e longos galhos que serve de estrutura da parede vedada com barro. http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/003%20Casa%20de%20taipa.pdf



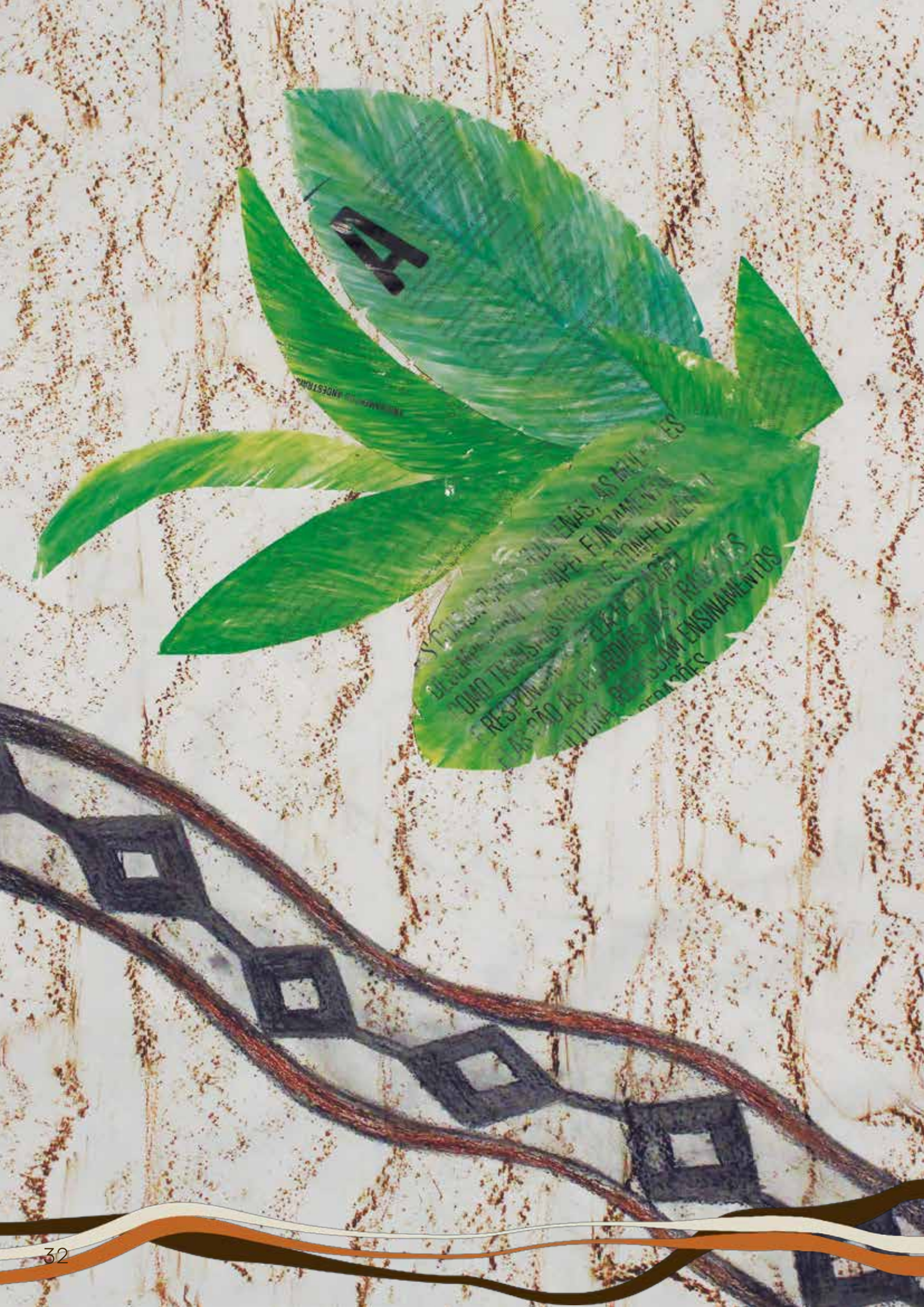
uyrapa Ju

SÃO BERNARDO DO CAMPO, TERRA ANCESTRAL

O ABC Paulista é uma região plural, e o que muitos não sabem, é que a região abriga parte da Terra Indígena Guarani Tenondé Porã que possui aproximadamente 159,69km², onde vivem mais de 1500 pessoas, passando por São Paulo, São Vicente, Mongaguá e São Bernardo do Campo, nosso destino. Conhecemos a comunidade indígena Guarani Mbyá, que está localizada próximo a um dos braços da represa Billings, e nosso acesso foi feito via balsa, que liga a região central da cidade à estrada de Água Limpa.

Na aldeia Tekoa Guyrapa Ju - território demarcado, desde 2016, com 54,7 hectares - os moradores vivem em núcleos familiares e compartilham os saberes na casa de reza, uma construção feita com uso da tecnologia da taipa ou taipa de mão, estruturada por vigas de bambu e fechada com barro, lugar onde é feito os combinados e reuniões, e onde fomos recebidos por uma das lideranças indígenas locais, Elson Karaí Mirim para conhecer um pouco da cultura (nhandereko) e entender a situação atual que o grupo enfrenta, como falta de saneamento básico e acesso à água potável.



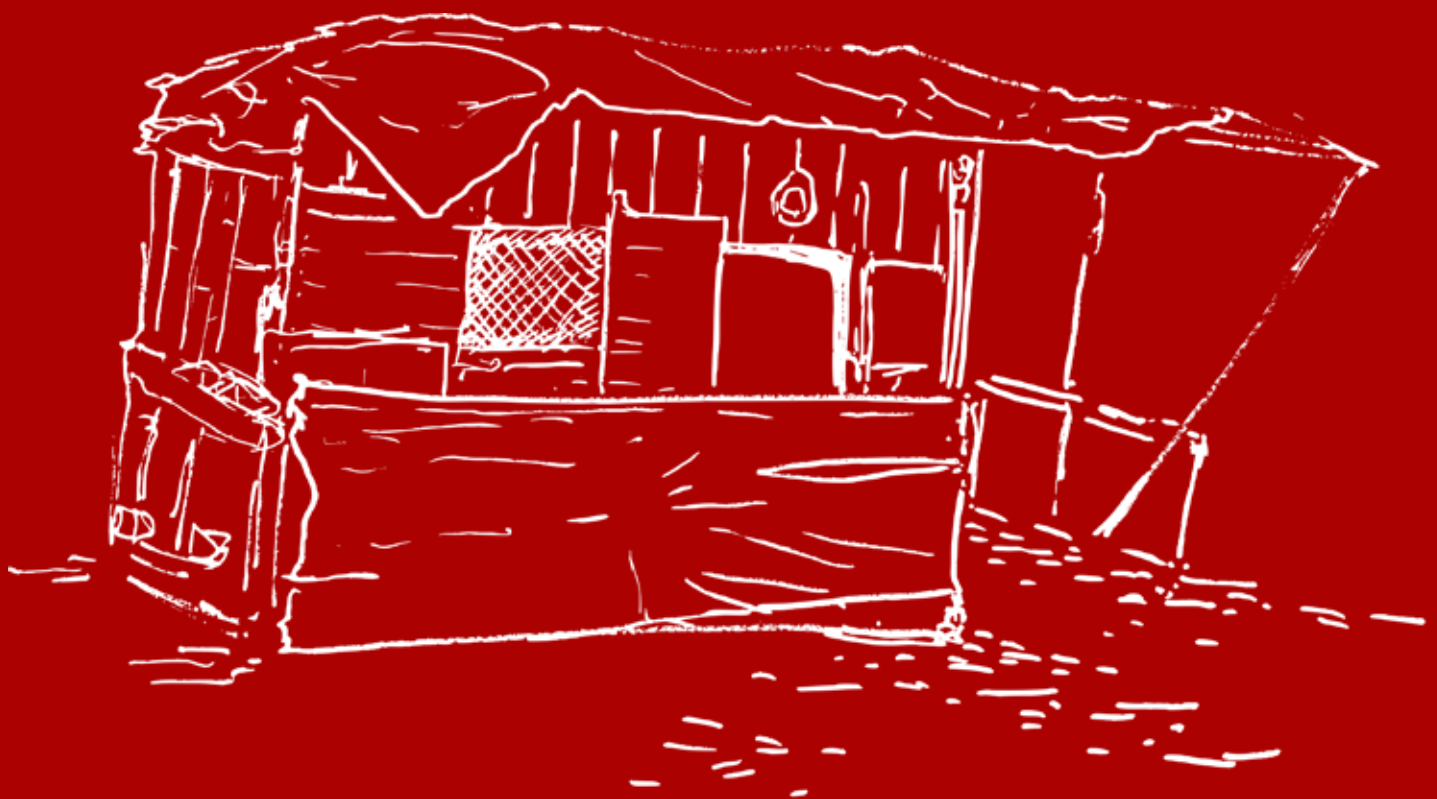

A



Vídeo da visita

Ocupação Gon

UM MUNDO DE IGUALDADE NÃO É FEITO DE PESSOAS IGUAIS E SIM DE DIREITOS IGUAIS!



Caminhando pelo território, observamos que os barracos são cobertos por lonas, que é o principal símbolo da ocupação.

“Aqui nós não somos uma comunidade e nem somos invasores, já que nós somos uma ocupação. Qual a diferença? A gente ocupa esses espaços pra transformar numa área urbana de moradia e escola.”

Existe ali um espaço com solo produtivo no qual há uma horta com diversas verduras, cuidada por várias mãos de moradores e voluntários, bem como cozinhas comunitárias às quais podem ser consideradas o coração da ocupação, pois nelas são preparados os alimentos para todos os acolhidos, além de ser um lugar de encontro e exercício da coletividade.



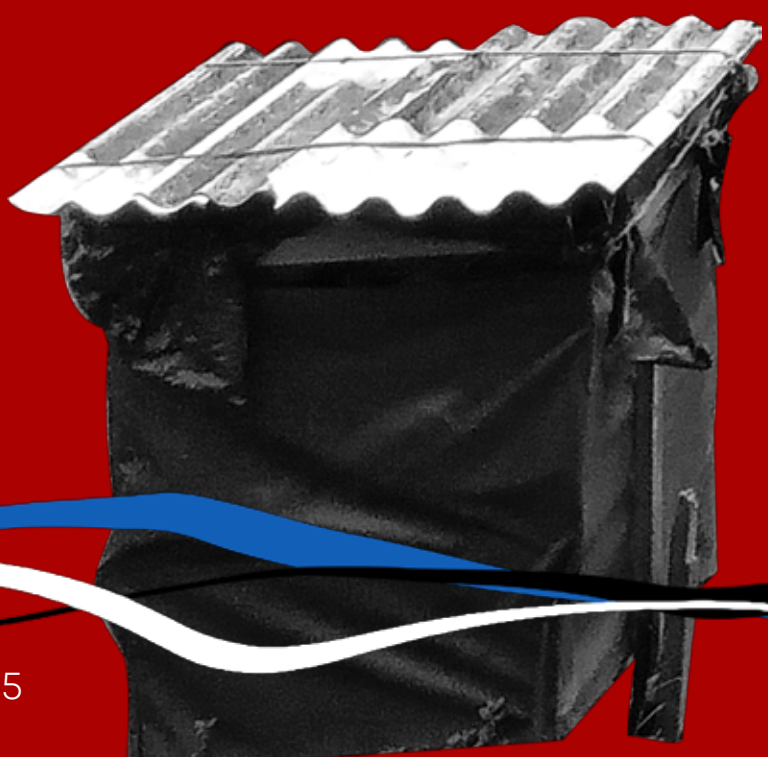
Diálogo com integrantes da Ocupação Lélia Gonzalez













Cozinha coletiva

“O coração que a gente tem aqui no movimento é a cozinha coletiva. Tudo é coletivo”
- Sabrina Nogueira

Subimos até o local do Centro Cultural Juliana Nunes, onde acontecem eventos, atos artísticos e políticos. Lá conhecemos Andréia Barbosa, mais uma liderança do movimento, que compartilhou conosco outras histórias do MTST, dizendo que a sigla também representa para elas **M**ulheres **T**ransformando **S**uas **T**rajetórias, por conta da força feminina que é fundamental para manter o movimento vivo.

Sentimo-nos presenteados com a oportunidade de pisar naquele chão, aprender e assumir o compromisso de amplificar a importância dos movimentos por direito à moradia.





Ocupação Lélia Gonzalez

“(...)o movimento é a minha vida, porque quando eu entrei no movimento, eu entrei sem voz, sem vontade de viver. (...) Mas o movimento me enalteceu, me deu essa voz.” - Andréia Barbosa








Linha 10 - Turquesa
Eucaliptos
Cirandra e espaço de doações
Barracão
Cozinha G6
Cozinha G7
Cozinha G3
Banheiro G2
Cozinha central
Horta medicinal
Banheiros femininos
Palco
Refeitório
Fogueira
Poço
Espaço pet?
Entrada trilha
Lavanderia
Cozinha G1
Horta
Casa D. Grindelia (consultório médico)?
Cisternas
Barraco de autossustentação
Barraco das ferramentas
Cozinha G5
Espaço cultural
Lugar bonito para relaxar, vista dos trens
Lazer para crianças
Localização em Santo André (SP)
MAPEAMENTO PARTICIPATIVO DA OCUPAÇÃO LÉLIA GONZALEZ (SANTO ANDRÉ- SP)
EM PARCERIA COM A UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC
A VIDA É INTENSA
UFABC
MTST BRASIL


O MAPA DOS SEM-TETINHOS
Barracão
Cozinha G4
Banheiro G2
Cozinha G3
Cozinha G7
"PONTO PRA BEBER ÁGUA"
Cozinha G1
Horta medicinal
Cirandra e espaço de doações
Palco
Horta
Cisternas
Barraco de autossustentação
Lavanderia
Cozinha G1
Cozinha G5
"PERIGO, PERNILONGOS!"
Poço
"A GENTE GOSTA DE PINTAR COM TINTA"
"NO CAMPINHO A GENTE BRINCA DE PEGA-PEGA E VAMPIRO VAMPIRÃO"
Espaço cultural
"ESSA É A CASA QUE EU QUERO GANHAR DO PAPAI NOEL"
NÓS FAZEMOS PARTE DO MOVIMENTO SEM-TETINHOS EM AÇÃO
LEGENDA
Perímetro da Ocupação Lélia Gonzalez
Rota feita pelas crianças no dia da oficina
Colaboração: Universidade Federal do ABC e Ocupação Lélia Gonzalez
Projeto: Disciplina de Práticas Comunitárias em Campo
Fontes: Levantamento de dados primários junto as lideranças responsáveis pela ocupação.
Projeção: SIRGAS 2000/ UTM 23 S

Lélia
zalez



A ocupação Lélia Gonzalez, espaço de constantes transformações, potente e representativo, está localizada em Santo André, próximo à linha ferroviária. O movimento ocupa uma área onde funcionava um estacionamento e que estava abandonado há muitos anos.

O nosso grupo foi recepcionado pelas lideranças locais do MTST (Movimento dos Trabalhadores sem Teto), Bárbara, Sabrina e Dandara, que nos apresentaram a forma de organização da ocupação e alguns espaços como a ciranda (um espaço para as crianças), o barracão (um espaço de realização das assembleias), a horta, as cozinhas comunitárias e o Centro Cultural.

Segundo Sabrina Nogueira, **"a ocupação não é um espaço invadido, mas também não é um espaço doado. É um território reivindicado com muita luta, suor, e planejamento"**.





Além disso, o acolhimento de pessoas da comunidade LGBTQIA+ é muito forte, possibilitando o resgate da autoconfiança e dignidade dessas pessoas para uma vida mais segura e feliz. Muitas delas já não moram mais na ocupação, pois conseguiram reconstruir sua vida profissional e habitar novas moradias com autonomia.

O espaço da ocupação é um convite aberto para quem quiser se aproximar e somar nas ações cotidianas, culturais e educativas para o fortalecimento do grupo e da ocupação.

"(...)aqui nós somos o movimento, e como eu falei pra vocês, tudo é feito no coletivo." "(...)porque a participação é uma luta diária." Sabrina Nogueira





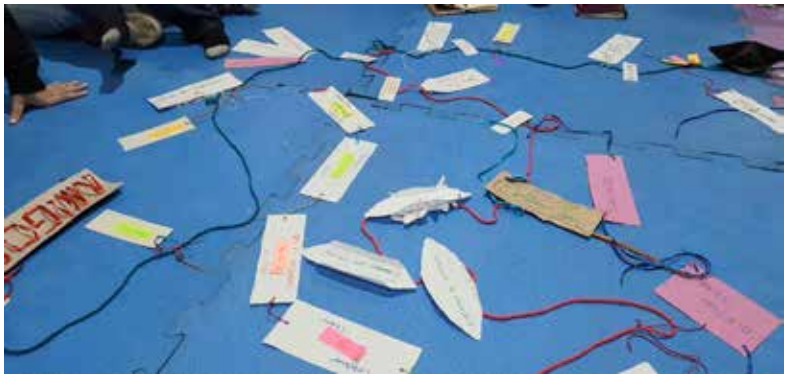

resistir ao lado das pessoas que a gente gosta,
deixa a luta mais leve, suave, a gente não quebra, entorta


TENHA CORAGEM E SEJA GENTIL
JUNTOS SOMOS + FORTES




A LUTA
É PARA
VALER

Processo criativo e visitas às comunidades



Sesc, unidade em São Caetano



Criação no Sesc, unidade em São Caetano



Comunidade da Vila Palmares - Santo André



Comunidade da Vila Palmares - Santo André



Os Lupitas - Bateria Mirim da Vila Palmares - Santo André



Processo de criação em V. Palmares



Gruta de Santa Luzia



Aldeia Guyrapa Ju



Aldeia Guyrapa Ju



Saída do grupo para a Aldeia Guyrapa Ju



Entrada da Ocupação Lélia Gonzalez





Biblioteca Sérgio Vaz e Horta coletiva da Ocupação Lélia Gonzalez - Santo André



Diálogo com os integrantes da Ocupação Lélia Gonzalez



Cabeça de barro da mestra Irineia Nunes, do povoado quilombola Muquém

Créditos

NÚCLEO PROPOSITOR DO TEARZINE
Aline Gibin
Cintia Bertini
Lica Barros
Lílian Minelli
Milene Valentir

ARTISTAS CONVIDADOS
Diego Urbaneja
Produção audiovisual
Fabrício Urbaneja
Curadoria e identidade visual
Vitória Fogaça
Curadoria e identidade visual

COMUNIDADES VISITADAS
Ocupação Lélia Gonzalez
(Representante: Luciana Pereira de Carvalho)
Comunidade de Palmares
(Representante: Robson Batuta)
Grupo Articulação dos Povos Indígenas do ABC
(Representante: Cacica Jaqueline Haiwã)
Coletivo Nhande Vae'eté
(Representante: Silvia Muiramomi)
Comunidade Guarani de Guyrapa Ju
(Representante: Elson Karaí Mirin)

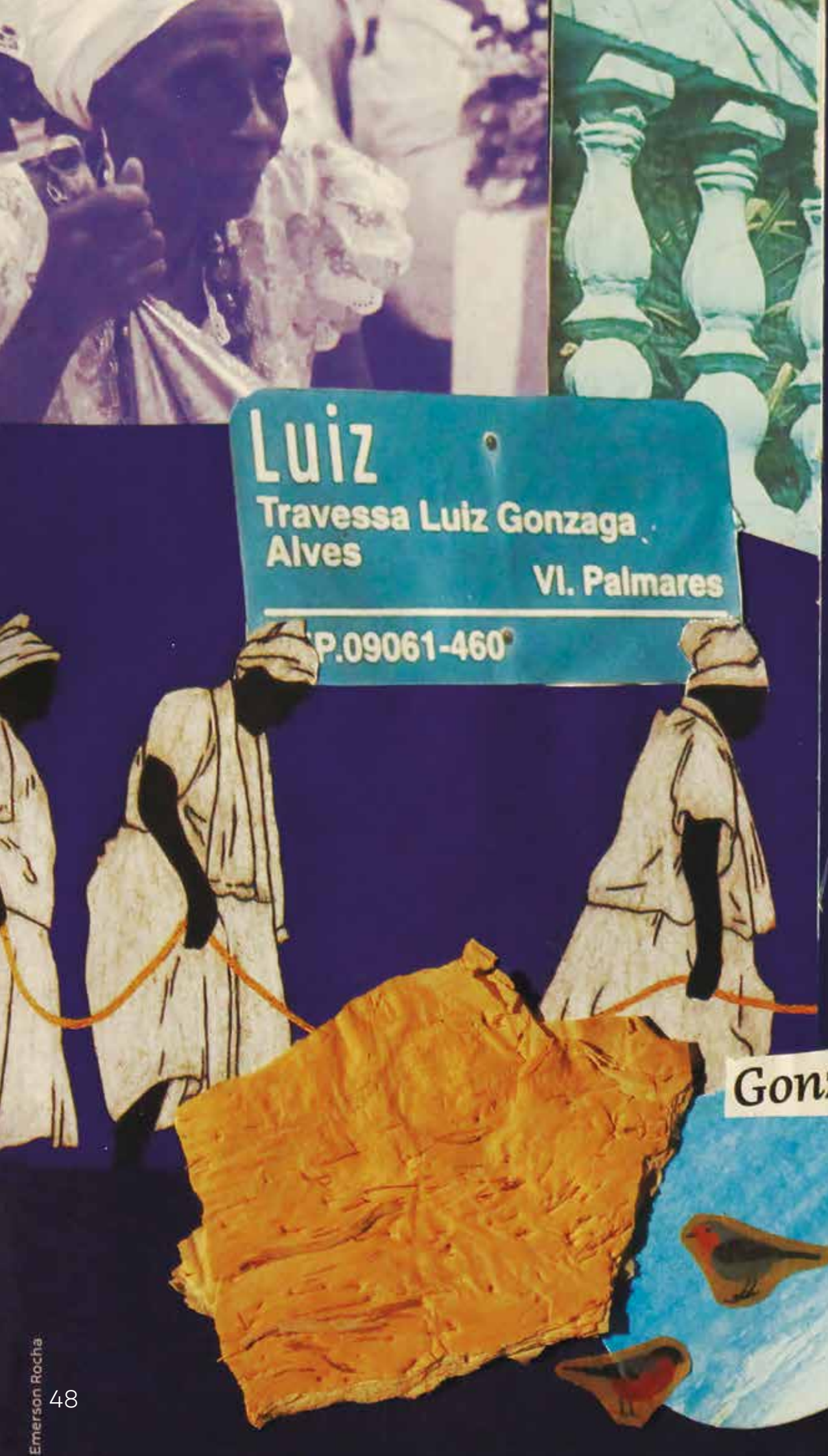
AGRADECIMENTO
Clarissa Lemos
Celso Rodrigo
Daniela Zanon
Diga Rios
Estela Bertini Leite
Floripes Alves da Conceição
Gabriela Martins Machado
Jorge Inacio de Lemos
Kauan Viana
Laura Bertini Leite
Lisandra de Oliveira Zambom
Maria Fernanda Pereira Mucilo
Patrícia Ap. David
Sérgio Oliveira dos Santos
Sueli Mendes Almeida

ARTISTAS EM COAUTORIA
Aline Gibin
Ariadne Mendes Maldegan
Bateria Mirim Lupitas da Palmares
Cintia Bertini Leite
Deise Pereira Araujo Mucilo
Fabricio Cavalcante Urbaneja
Giovanni da Silva Fernandes
Guiomar Alves Ferreira
Ícaro de Carvalho Marques
Ingrid Gonçalves T. Okajima
João Pedro Ferreira do Nascimento
Josemir Inacio de Lemos
Lica Barros
Lílian Minelli
Lis Valentir Rios
Milene Valentir
Pâmela Karina Viana
Simone Mendes Maldegan
Vitória Fogaça

REALIZAÇÃO
Coletivo TEAR

APOIO
Sesc São Caetano





Emerson Rocha





Realização

Apoio